

ENTREVISTA A JORGE PASSOS COUTEIRO

14 de fevereiro de 2018

ENTREVISTADO: Jorge Couteiro

Centro de Mar – Posso-lhe fazer umas perguntinhas? É daqui de Viana?

Jorge Couteiro – Sou sim senhor, moro ali ao lado da Capitania...

Centro de Mar – Diga-me só o seu nome completo para ficarmos aqui...

Jorge Couteiro – Jorge Passos Couteiro...

Centro de Mar – E a data de nascimento?

Jorge Couteiro – 15/02/1999...aí (19)49...

Centro de Mar – E é natural de onde?

Jorge Couteiro – Viana do Castelo, Monserrate...

Centro de Mar – Diga-me uma coisa tem alguma alcunha?

Jorge Couteiro – Olhe, o meu pai era Morte e a minha mãe era Besuga...

Centro de Mar – E o senhor tem alguma alcunha?

Jorge Couteiro – Uns chamam-me Besunta e uns chamam-me Morte, o meu pai era filho da Virgínia Morte Gonçalves e a minha mãe da Besuga...

Centro de Mar – E já agora o nome do seu pai qual era?

Jorge Couteiro – Francisco Gonçalves Couteiro...

Centro de Mar – E a sua mãe?

Jorge Couteiro – Josefa Pés de Passos...

Centro de Mar – Olhe diga-me uma coisa...pode fazer o que quiser...

Jorge Couteiro – Eu estou aqui entretido, estou aqui a passar tempo, estou reformado estou aqui a passar tempo...

Centro de Mar – E antes disso? O que nós fazemos aqui é...

Jorge Couteiro – Andei à pesca do bacalhau 9 anos...

Centro de Mar – Andou? Na pesca à linha ou no arrasto?

Jorge Couteiro – Na pesca à linha só andei no São Ruy e depois é que mudamos para as redes.

Centro de Mar – Mas ainda foi os dóris?

Jorge Couteiro – Foi, foi a primeira linha da frente...

Centro de Mar – E era pescador?

Jorge Couteiro – Era pescador, fui a primeira linha da frente...

Centro de Mar – E consegue-me contar um bocadinho dessas histórias?

Jorge Couteiro – Eu tenho... foi no livro da pesca do bacalhau aqui em Viana...

Centro de Mar – Pois eu sei ,mas gostava de ficar com este testemunho para os nossos...

Jorge Couteiro – Está bem...

Centro de Mar – Eu vou atrás de si...

Jorge Couteiro – Eu vou para aqui...

Centro de Mar – Então andou ao bacalhau...

Jorge Couteiro – Para fugir à tropa sabe...

Centro de Mar – Foi como o meu pai...

Jorge Couteiro – Era casado...

Centro de Mar – Não conhecia o Formiga?

Jorge Couteiro – Formiga, o Capitão Formiga...

Centro de Mar – Não...olhe e conte-me lá então em que ano é que foi?

Jorge Couteiro – Fui em 68, não me lembra bem, não tenho aqui a cédula se você me tem dito eu trazia a cédula...

Centro de Mar – Mas podemos então, depois se calhar falamos disso no fim, nós também estamos a fazer digitalizações de...

Jorge Couteiro – É que eu tenho tudo escrito na cédula...tenho lá a cédula em casa...

Centro de Mar – Lembra-se mais ao menos que idade tinha quando foi?

Jorge Couteiro – Foi com 20 anos...

Centro de Mar – E lembra-se da primeira viagem que fez?

Jorge Couteiro – Lembro sim senhora, eu fui de verde que já era pescador e haviam os maduros que eram os primeiros...

Centro de Mar – E lembra-se assim da viagem, se foi complicada assim a primeira vez ir para o mar alto...

Jorge Couteiro – Foi complicado foi, para mim é que foi...para mim foi um susto que dos grandes...

Centro de Mar – Então...

Jorge Couteiro – Porque eu...era o tempo da gente que tínhamos de trabalhar para ganhar, trabalhar, pescar e chegar aqui e a empresa não nos pagar, havia quem não recebesse nada...que iam para lá só para...não havia ordenado, não havia nada, era...para as pessoas trabalharem e depois conforme pescavam...as pessoas tem que pagar...

Centro de Mar – Olhe recorda-se de quanto tempo demorou a viagem?

Jorge Couteiro – Já não me lembra, a gente ia por seis meses, a gente fazia a matrícula por seis meses...eu tenho lá tudo, tem escrito na cédula está lá tudo, pode-se ler...

Centro de Mar – Olhe e a bordo do navio ainda na pesca à linha, antes do arrasto...

Jorge Couteiro – Não é arrasto, aquele navio não era do arrasto, era só da linha depois é que a gente, o Capitão perguntou-me se eu conseguia entilhar umas redes destas, destas redes de malhar que se usa aqui e eu sim senhora venha as redes que eu trato delas e assim foi, fizemos as redes, trilhamos as redes, bandeira, fomos pescar com elas e aprovou as redes...fomos experimentar e aprovou, o navio chegou a terra e transformou...eu tinha ido o primeiro ano ao bacalhau fui logo mestre de uma, fui eu e um dali que lhe chamam o Manel...da Senhora das Areias...

Centro de Mar – Já ouvi falar, já ouvi falar...

Jorge Couteiro – Aqui na Senhora das Areias...

Centro de Mar – Em Darque...

Jorge Couteiro – Não é em Darque é aqui!

Centro de Mar – Aí nesta, já sei...

Jorge Couteiro – Aqui do outro lado...o Manel Amorim, prontos, foi ele, a primeira linha dos maduros fui eu o primeira linha dos verdes, foi ele depois o mestre daqui de Viana e eu como tinha sido o primeiro ano que tinha ido ao bacalhau fui logo o mestre o mestre na altura porque pesquei e tralhei redes e foram dos da Póvoa, eram dois grandes que o navio levou...só que eram muito grande e partiram todas, tinham 9 metros, eram muito largas e dobraram...eram de alumínio, foram feitas na Espanha e aquilo partiu tudo...depois fizeram outras, fizeram outras mais pequenas e depois ficou, fui para essa arte...

Centro de Mar – Exatamente, olhe e como é que era, consegue descrever assim a...como é que era a vida a bordo, como é que vocês se davam, a comida...

Jorge Couteiro – A vida a gente tinha que se dar uns com os outros, sabe como é aquilo não havia camaratas não havia nada, depois é que fizeram um camarote para mim e para o mestre...

Centro de Mar – Vocês dormiam todos em beliches não era?

Jorge Couteiro – Era beliches era, como estes barcos daqui era assim...era assim ao jeito da proa do Navio, a mesa era assim um triângulo comprido, por exemplo a mesa era daqui para a porta e os beliches eram de lado, era dois em cada beliche, a mim até no primeiro ano me apodreceu a roupa toda, não havia armários, púnhamos a roupa debaixo dos enxergas e aquilo era uma humidade tremenda, aquilo humedecia tudo apodrecia a roupa toda...a roupa que levávamos metíamos debaixo da...aquilo era de esponja dessas que há por aí agora mas aquilo com a humidade e era muito tempo, aquilo apodrecia tudo e chegou-me a apodrecer...

Centro de Mar – E tempestades, mau tempo?

Jorge Couteiro – Ui mau tempo...

Centro de Mar – E como era? Um barquito daqueles era um susto do caraças...

Jorge Couteiro – Eu como tinha que trabalhar e pescar, o Navio tinha uma sirene como tem ali o Gil Eannes, e os navio tinham, todos os Navios da linha tinham uma sirene daquelas que era para chamar o pessoal...

Centro de Mar – Mas em caso de entrar o nevoeiro não era?

Jorge Couteiro – Nevoeiro ou vento, mau tempo prontos...

Centro de Mar – Chamavam neste caso os dóris...

Jorge Couteiro – Chamavam e tinham o saco içado quando estava calmo e bom tempo içavam só um saco, nós estávamos lá fora e víamos o saco içado ao meio do Navio, está a chamar, nem nos preocupávamos...está a chamar já sabíamos para o que era...e eu uma altura estava a pescar, estava eu e outro que já faleceu há pouco tempo, um sujeito que estava ali a ajudar o Camilo estava ali a ajudar no Soares, sabe onde é o Soares?

Centro de Mar – Sei sim senhor...

Jorge Couteiro – Um sujeito que tinha sido operado à garganta o Camilo...estava lá a ajudar, ajudava lá muito andava no Capitão Ferreira, ele, o irmão...

Centro de Mar – No Navio?

Jorge Couteiro – Sim, no Capitão Ferreira, só que os Navios era de código e andava sempre gente e um dia estávamos a pescar à linha doa beira dos outros, eu e ele estávamos os dois como eramos daqui de Viana a gente conhecia-se uns aos outros e juntávamo-nos os de Viana...

Centro de Mar – Aí nos dóris? Juntavam-se em grupos...

Jorge Couteiro – Nos barcos a pescar e assim...estávamos entretidos a pescar e o navio começou a chamar, começou a cair vento, vento, vento, vento, vento mas nós estávamos a pescar à linha de mão, era sempre 2, 3, 2, 3...estou farto de contar isso 2, 3, 2, 3, bacalhaus grandes bota para dentro já estava o bote quase carregado diz ele “Jorge eu vou-me embora, já vou embora...”, “Então se tu vais eu ainda vou ficar mais um bocado...”, era para ganhar, era para trazer para casa, já tinha um filho e tudo...ele desvia-se de mim “Oh Jorge já não sei se apanho o Caminho”, andava no Capitão Ferreira e eu “Se não apanhas o vosso vai para o nosso”, que era assim, se não apanhasse o daquele ia para outro, o que interessava era salvar... assim foi, não é que se desvia de mim para aí 50 metros, dei-te uma volta de mar e eu fiquei abafado...estiquei-me, tinha a faca, tínhamos a faca de cortar a isca que levávamos sempre uma faca que davam no navio...cortei a linha, que era uma linha como esta...cortei que estava o barco ancorado, como estava carregado com o vento e o mar o barco desandou, vieram os outros botes, os grandes, o navio com a sirene e a chamar, a chamar, chegaram os botes à minha beira, esse o Manel Amorim então...”Está farto de chamar o capitão e tu não vens”, eu “olha estava aqui entretido a pescar, já vou...”, ao chegar ao navio tínhamos que ter uma boça(?) no dóri que era para passar para o navio...

Centro de Mar – Exatamente...

Jorge Couteiro – Já estavam os moços à espera e eu preparado para passar a boça(?) Já tivemos de passar...ao Zé Birinha, já faleceu esse rapaz foi de verde também quando a mim...eu já nem via a boça, nem o navio, já nem via nada...atirei a boça(?) ...é que depois já ninguém aguentava a remar e carregado como estava, descarregávamos a garfo, era um garfo com dois dentes...

Centro de Mar – Ah sim, para meter para dentro do barco...

Jorge Couteiro – Para o navio, era à mão.....

Centro de Mar – Poupou-lhe trabalho...

Jorge Couteiro – Conforme o navio dava balanço metia à borda, debaixo de água e então devia de ser aquele navio, São Ruy e para dar balanço...mete-me dentro conforme o mar vai, saí para fora o navio a suspender bota-me o bote para fora e eu toca-me a descarregar outra vez...vem outra volta de mar o navio mete a borda e eu...já estou...como o presidente do navio e eu já nem é tarde nem é cedo, larguei o garfo da mão, pumba um mergulho para cima do peixe, agora saí pelo bote se quiseres e assim foi, escapei daquela, nunca mais fui o último...

Centro de Mar – Que foi ao bacalhau?

Jorge Couteiro – Nunca mais fui o último a chegar a bordo...

Centro de Mar – Ah, nunca mais foi o último...pois...

Jorge Couteiro – Nunca mais fui o último mas mesmo assim ainda fui a primeira linha dos verdes, cheguei ali à empresa, agora pega o prémio de primeira linha...

Centro de Mar – Olhe, e vocês quando os dóris lançavam-nos à água mais ao menos...madrugada

Jorge Couteiro – É, isso era de madrugada...

Centro de Mar – 4 da manhã, 5...

Jorge Couteiro – Era dava os louvados, seja louvado nosso senhor jesus cristo e...esses é que sabem os louvados todos, completos, é muito comprido, seja louvado nosso senhor jesus cristo...íamos para a vigia, tínhamos que ir para a escada, era um copinho de água para a gente se lavar...

Centro de Mar – Olhe mas diga-me uma coisa, então iam de madrugada, lançavam os dóris à água...

Jorge Couteiro – E estávamos todo o dia a pescar...

Centro de Mar – Todo o dia até à tarde não é?

Jorge Couteiro – Todo o dia...se tivéssemos carregados íamos aliviar o peixe e tornávamos...

Centro de Mar – Aí voltavam a ir...

Jorge Couteiro – Voltávamos a ir, depois até à noite, até o capitão chamar...

Centro de Mar – E depois metiam o peixe dentro do barco...

Jorge Couteiro – Do navio e continuávamos a trabalhar...

Centro de Mar – Iam escalá-lo?

Jorge Couteiro – Ao depois íamos escalar...

Centro de Mar – E não comiam?

Jorge Couteiro – Comíamos ali qualquer coisa à pressa depois íamos escalar...

Centro de Mar – Escalar o peixe...

Jorge Couteiro – Escalar o peixe, salgar o peixe...escalar eram só os próprios pescadores que iam pescar que faziam isso, eram os próprios pescadores...naquela altura era assim e era um copinho de água para a gente se lavar, tínhamos que ir para as melgueiras da água salgada e nos lavar e íamos assim para o beliche e dali a 1 hora se fosse preciso, “olha, vinde...é para arrear”...

Centro de Mar – Aí 1 hora?

Jorge Couteiro – 1 hora, 2 ou 3...era o que dava, era o que dava que tínhamos que ir para a escala escalar o peixe e aqueles que não pescavam tinham que ir trabalhar para os outros, tinham que ir ajudar à escala...

Centro de Mar – Então era uma vida de sofrimento...

Jorge Couteiro – Aí era, isto contado não tem jeito...ninguém diz que ali o Gil Eannes tinha o Tarrafal, tinha a cadeia...

Centro de Mar – O Tarrafal? Ah...pois

Jorge Couteiro – Não dizem, só dizem que é um navio médico, que é o navio hospital mas não dizem o resto...

Centro de Mar – Então o que era o resto?

Jorge Couteiro – O que era o resto era a cadeira que tinha, se você pedisse uma comida melhor, era logo enviado para o Gil Eannes...

Centro de Mar – Então não vê o Gil Eannes como o Anjo Branco...

Jorge Couteiro – Não mostra, mas eu digo a toda a gente o que aquilo era...aquilo tinha a cadeira, eu uma vez aleijei-me numa mão, cortei-me numa mão, não trabalhava, não arreava, e pouco me deu eu fazer vigia para dar descanso aos outros, fazer vigia ao navio sozinho...era dois de cada vez, o Capitão calhou de ir para cima, que era mau como as cobras que lhe chamaram o pita cacetes, puseram-lhe o pita cacete que não foi de ser bom...veio para cima viu-me ali de vigia sozinho “a outra vigia?”, “a outra vigia foi à casa de banho”, não...deixou-se estar ali à minha beira, mal lhe deu a macacoa “vai chamar a outra vigia que andais a dormir um de cada vez...”, não andávamos nada, eu é que estava aleijado e não quis dizer porque ele atrofiou-me logo...assim foi, fui chamar outra vigia que era da Póvoa...”Zé Bento anda para cima que já estamos lixados, o Capitão veio para cima e não te quis chamar, para dar descanso...anda para cima”, pronto, e assim foi, mandou chamar o pessoal dar os louvados...vieram dar os louvados e eu como trabalhava e estava aleijado de uma mão deixei-me estar ali, deixei-me estar na mesa, vem o mestre que era da Póvoa, ele fazia o quarto do Imediato, 4 horas e eu como era mestre deles fazia as 4 horas do Capitão, fazíamos o quarto e ele veio à minha beira “Jorge o que é que se passou?”, “S. Manel...”, era da Póvoa, era bom homem...”O que se passou foi isto assim, assim e eu não arreava, não tinha falta de descanso deu-me para chamar e fazer a vigia sozinho para dar descanso aos homens, para descansar os homens...”, “Aí foi?”, ele foi lá cima ao Capitão “Sr. Capitão afinal o Jorge não anda aí...foi para dar descanso aos homens que ele se pôs a fazer a vigia sozinho”...”Aí foi? Ele não podia ter dito? Já está aqui o relatório, já ia para o Gil Eannes, já ia para a cadeira para o Gil Eannes...”, e rasgou aquilo, está a ver, só diziam que aquilo era o médico também tinha a cadeira...foram poucos presos para lá...só

que o Moura só diz que aquilo eram médicos, não era nada, aquilo não era só médicos, mas também tinha a cadeia, foram poucos enviados para lá...

Centro de Mar – Mas o sentimento geral em relação ao Gil Eannes dos pescadores era o que? O pessoal gostava do Gil Eannes?

Jorge Couteiro – Gostava do Gil Eannes porque ia o correio, levavam sempre o correio para os pescadores...

Centro de Mar – E então como era, aquela frota toda?

Jorge Couteiro – Ia a frota toda porque a gente não tinha água para tomar banho, não davam água para a gente tomar banho, era um copinho de água, era um copinho e nós é que tínhamos que levar para tudo que fizesse falta e o que acontece, nós íamos para São Jones, quando íamos à terra tinha lá uma casa dos pescadores e íamos lá tomar banho, tinha chuveiros tinha tudo...para aqueles que quisessem ir para casa ia sempre, levava sabonetes, levava isto ou aquilo ou desodorizantes ou presunto ou perfumes, para a cara, para desfazer...tinha bacias para a gente desfazer a barba, tomar banho, tomar duche, íamos, mas nem todos era frescos...eu por acaso ia sempre e o navio para ir para a terra o Gil Eannes levava água com mangueiras, levava o gasóleo, levava os mantimentos e quando os navio se apanhavam com aquilo já não ia o navio à terra e a gente já não tomava banho, tínhamos que cravar ali até cheirar mal...

Centro de Mar – Ou seja, era bom e era mau...

Jorge Couteiro – Era bom e mau, só nos davam um copinho de água naquela altura, o depois quando foi o 25 de abril aí já davam água, aí já havia, aí já havia água, já davam, porque quando era antes os navio só nos davam um copinho, era um copinho assim, para aí meio litro de água para a gente se lavar todo, depois da escala, depois todos porcos...só visto aquilo...

Centro de Mar – Aquilo era um...

Jorge Couteiro – Aquilo era horrível, e não se podia falar...

Centro de Mar – Mas neste caso era o Capitão, como é que eram as chefias, como é que era com os chefes? Eram pescadores?

Jorge Couteiro – Era tudo pescadores, aquilo não havia chefe não havia nada...havia o contramestre, o Capitão, o Imediato...prontos, isso eles tinham, os motoristas tinham chuveiros, tinham tudo, tinham tudo do melhor que havia, como uma casa mas os pescadores não...

Centro de Mar – E isto criava sentimento de revolta?

Jorge Couteiro – Revolta mas não se podia falar, quem falasse era logo enviado, aquele que falasse era logo enviado para o Gil Eannes...

Centro de Mar – Mas o Gil Eannes tinha lá polícia? Tinha...

Jorge Couteiro – Não tinha polícia, mas se eles falassem ou fizessem uma coisa qualquer o Capitão enviava-os para...não tínhamos defesa, naquele tempo era assim...depois as pessoas só começaram a ter defesa depois do 25 de abril, depois desde aí...

Centro de Mar – Nunca chegou a ser tratado no Gil Eannes?

Jorge Couteiro – Eu não, tinha era uma coisa, onde tem aquela portinha do lado, tem lá uma portinha do lado que andava um vizinho meu, os pais moravam debaixo de onde eu moro e quando íamos a terra íamos lá beber uma cerveja, só tínhamos era uma coisa, vocês nunca saiam desta sala, da entrada, entrasse por essa portinha do lado, do meio, “Se vós passais daqui para ali ides logo presos...”, que era o que esse tripulante, já faleceu, nos dizia...íamos lá beber uma cerveja, éramos conhecidos e a gente andávamos assim e quando estava o Gil Eannes íamos ali, chamava-se Alfredo...

Centro de Mar – Conseguiam entrar lá dentro...

Jorge Couteiro – Só que íamos lá dentro, só entrávamos a escada, a sala que tem ao lado...“Não saídes daqui”, ele ia buscar as cervejas, bebíamos ali 1 cerveja ou 2 na conversa, prontos, mas não podíamos sair dali, não podíamos passar para mais lado nenhum, não podíamos passar para mais lado nenhum...

Centro de Mar – E depois da pesca à linha chegou a andar ao arrasto?

Jorge Couteiro – Nunca andei ao arrasto, andei às redes de malhar...

Centro de Mar – Não andou ao arrasto...só à linha...pois...

Jorge Couteiro – Nunca andei ao arrasto, nunca quis arrasto...

Centro de Mar – E antes de ir para o bacalhau tinha trabalhado?

Jorge Couteiro – Foi o homem dos 30 instrumentos...

Centro de Mar – Aí foi? Então conte-me lá que instrumentos tocou...

Jorge Couteiro – Eu em Lisboa com 7 anos era padeiro com...

Centro de Mar – Aos 7 anos? É de Lisboa?

Jorge Couteiro – 7, 8 anos, não, sou daqui o meu pai é que andava embarcado no.... e nós fomos para Linda-a-Pastora...

Centro de Mar – Que mais fez assim...

Jorge Couteiro – Andava lá como um burrinho a ganhar 20 escudos por mês, na escola ia com o padeiro, para aqui andei a lavar barcos, o meu pai faleceu lá, saiu de casa, o coração...parou a máquina, souberam primeiro aqui em Viana que o taxista telefonou, levou-o para o hospital de São João lá em Lisboa, prontos, ficou lá no São João...com 30 e poucos anos...

Centro de Mar – Fogo, era novo...

Jorge Couteiro – Era novo, tinha 30 e poucos anos, eu tinha começado a escola, eramos 5...

Centro de Mar – E que mais assim ligado ao mar...

Jorge Couteiro – Ligado ao mar, depois vim para aqui e andei ao mar, fui mestre no Rumo á Liberdade.

Centro de Mar – Mas nas traineiras?

Jorge Couteiro – Não, no barco de ferro que era da Cooperativa...

Centro de Mar – Mas de pesca ou...

Jorge Couteiro – De pesca, ia pescar para Marrocos...

Centro de Mar – E apanhar o quê?

Jorge Couteiro – Pescada...

Centro de Mar – A pescada...e já era diferente isso do...

Jorge Couteiro – Era...era daquelas que estão ali e pesquei com algumas daquelas, depois desisti e comprei um barco...

Centro de Mar – Aí foi?

Jorge Couteiro – Comprei um barco é da aliança, com o dinheiro do banco, pediu-se dinheiro ao banco, paguei os juros a 42%, na altura depois do 25 de abril, que já era caríssimo, foi quando começaram a vender os barcos todos...um balúrdio...e quem podia tinha que pagar também, paguei o barco ao banco, fiz uma obra de 5 mil e tal contos, a pagar outra vez ao banco, o meu filho não quis andar mais ao mar tive que abater o barco, trabalhava à pesca do anzol e prontos...

Centro de Mar – Mas destes de...

Jorge Couteiro – Aqui, o meu filho não quis andar mais ao mar olha, “Não queres então que se lixe”, dei o dinheiro às finanças, trabalhei uma vida inteira para ficar sem nada, prontos...

Centro de Mar – Mas trabalhou nesse barco? Andava...

Jorge Couteiro – Andei quase 20 anos...

Centro de Mar – 20 anos...e ia à pesca de quê?

Jorge Couteiro – No princípio andamos à pesca do barroso...

Centro de Mar – Barroso?

Jorge Couteiro – Cheguei a ir lá para Finisterra...

Centro de Mar – Ah para a Galiza...

Jorge Couteiro – Íamos lá para o mar de Espanha e para aqui conforme estava o tempo...cheguei a ir 16 horas e meia para o mar na Espanha, lá por Finisterra, cheguei a andar com 18 tripulantes, depois veio rendimentos mínimos e começou tudo a fugir que é o que se está a ver, fiquei descalço outra vez...

Centro de Mar – Mas notou-se, quer dizer, há 20 anos...desde há 20 anos para cá qual foi a evolução que viu assim na pesca...

Jorge Couteiro – Não vejo evolução nenhuma, vejo a mesma coisa...

Centro de Mar – Mas é muito diferente...

Jorge Couteiro – O pessoal a fugir, aqui agora o pessoal trabalha mais às redes e aos covos assim de inverno e eu só trabalhava ao anzol, à pesca do anzol, era o..., era o... era o peixe, quando abati o barco tive que abater o barco, abati o barco e veio as finanças, passa cá o dinheiro que é meu, pronto, e eu pouco dinheiro fiquei, dei 2 mil contos ao meio filho, 2 mil contos à minha filha, comprei um carrinho que está aqui, um Peugeot 206, comprei há quase 20 anos, prontos, fiquei lixado outra vez...e é a vida, parar é morrer, agora estou aqui entretido a ajudar aqui a fazer isto...

Centro de Mar – E olhe, de peixe, nota que havia mais peixe antigamente do que agora...

Jorge Couteiro – Antigamente havia mais peixe, havia mais peixe...porque peixe há, porque quando vem um bocado de mar ou isso o peixe aparece por todos os lados, agora quando o mar está quieto já antigamente há mais de 40, 50 anos havia crises de peixe, no tempo da pescada, do anzol, já havia crises e havia dias que aparecia pescada por todo o lado, ao anzol, lá fora e agora acontece a mesma coisa, mas agora há mais crise porque agora tem mais redes um barco, tem mais artes um barco agora que tinha antigamente a frota toda para aí de 100 barcos que havia aqui...tem que haver crise...

Centro de Mar – E de barcos não se lembra mais ao menos de quanta gente andaria à pesca aí...

Jorge Couteiro – Uii, faça-lhe 12...10 homens em cada barco...

Centro de Mar – Aqui...quantos barcos havia?

Jorge Couteiro – Havia para aí, não sei, não faço ideia, mas pouco menos de 100 havia de haver...

Centro de Mar – Não sabe de...

Jorge Couteiro – Só eu quando tive o barco da aliança, tinha comprado em segunda mão, tive 18, comigo 19...só nessa altura, mas era o barco que tinha mais gente, nunca se viu barco com tanta gente...

Centro de Mar – Mas andava muita gente ao mar nessa altura?

Jorge Couteiro – Muita gente, o que não faltava era gente, até antigamente, antes de eu ter o barco antigamente, antes de eu ir ao bacalhau e tudo, até eu ali...a pedir para meter nos melhores barcos, antigamente o que não faltava era gente...pessoal...começou a fugir para todo o lado e depois tiveram as mulheres a trabalhar, já não ligavam tanto, deram rendimentos...é tudo bonito mas é...

Centro de Mar – Olhe e então vem parar aqui como? A reparação das artes...Aqui só faz de passatempo...

Jorge Couteiro – Estou aqui entretido, a ajudar aqui a fazer isto...

Centro de Mar – Mas só trabalha com os covos?

Jorge Couteiro – Não, não....Faço as redes todas, eles só mandam vir os panos o resto faço eu, aquelas cordas é tudo para eu fazer, essas cordas que estão aí nesses contentores sou eu que faço tudo...

Centro de Mar – Muito bem! E...

Jorge Couteiro – Já desde os 7 anos que trabalho nisto...

Centro de Mar – E diga-me uma coisa....Malta nova nisto?

Jorge Couteiro – Não vejo jeitos...

Centro de Mar – Não lhe parece ser coisa futura

Jorge Couteiro – Não, não vejo...

Centro de Mar – Não vê assim grande coisa...04.15

Jorge Couteiro – Não vejo malta nova, o meu filho não quis ir mais...

Centro de Mar - De quê? De não ter ido para a vida no mar?

Jorge Couteiro- Começaram-lhe a meter na cabeça que o mar não dá, não dá, e assim me lixou a vida. Lixou-se a ele que eu queria comprar um barco de 16 metros para mim, para ele e para o meu cunhado e ele não quis. Quis apanhar os 2 mil contos que lhe dei na altura, foi em 2001 que abati o barco em setembro... é a vida... lixou-me a mim e lixou-se a ele

Centro de Mar - Pois, nem tudo corre bem... infelizmente

Jorge Couteiro- O que faz isso é a ideia dos de fora

Centro de Mar - Pois... Olhe senhor Jorge, não lhe vou roubar mais tempo está bem... Já vi que tem aí muito trabalho para fazer

Jorge Couteiro- O trabalho não acaba...para quem quer

Centro de Mar - Olhe diga-me uma coisa... fotografias dessa altura, da pesca, de... tem alguma coisa?

Jorge Couteiro- Eu tenho lá uma fotografia com a camisa vermelha e a bandeira do... é muito grande, a bandeira portuguesa do... é muito grande. Pus-me em cima das boias e a bandeira agarrada assim atrás de mim e ninguém me conhece... de chapéu na cabeça

Centro de Mar - Olhe tem cédula marítima?

Jorge Couteiro- Tenho a cédula, tenho...

Centro de Mar - Conseguia trazer só para eu tirar uma cópia

Jorge Couteiro- Se quiser trago-a amanhã...

Centro de Mar - Pronto se poder eu estou mesmo aqui ao lado e dou aqui um saltinho e venho cá busca-la... Estou no Gil Eannes mas é na parte de trás, no Centro de Mar, na ré...

Jorge Couteiro- Eu já entrei lá dentro, já andei lá a ver quando...

Centro de Mar - Venha lá, faz uma visita... nos temos lá muita coisa engraçada para ver.

Jorge Couteiro- E onde é que eu ponho o carro amanhã? Se não ao meio dia levava-a lá...

Centro de Mar - Pronto, se não eu venho aqui que também não me faz diferença nenhuma

Jorge Couteiro- Está bem

Centro de Mar - Pronto então eu venho cá buscar, tiro cópia e depois venho... Olhe o que tivesse da pensa eu...

Jorge Couteiro- Eu tenho pouca coisa...

Centro de Mar - É mais da embarcação...

Jorge Couteiro- Nem sei onde é que ela arrumou aquilo...

Centro de Mar - E fotografias aqui da embarcação... da pesca... que eu ando a fazer um levantamento disso... do seu barco, não tem nada?

Jorge Couteiro- Se tiver... do meu barco tenho uma fotografia

Centro de Mar - Consegue-me trazer?

Jorge Couteiro- Até está a rede... de levar as...

Centro de Mar - Sim, sim, sim... Tudo o que me pudesse arranjar... eu tirava a copia e depois...

Jorge Couteiro- Está bem...

Centro de Mar - Pronto senhor Jorge, muito obrigada... vou lhe só tirar umas fotografias a trabalhar...